

OS DICIONÁRIOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

BRAZILIAN SIGN LANGUAGE DICTIONARIES AND THEIR CONTRIBUTIONS

LOS DICCIONARIOS DE LA LENGUA BRASILEÑA DE SEÑAS Y SUS CONTRIBUCIONES

*Vilma Rodrigues Cardoso **

Resumo

Os dicionários de línguas de sinais atualmente são inúmeros, sendo impressos ou em formatos digitais, fabricados por surdos, instituições de ensino que capacitam profissionais na língua de sinais ou por iniciativas privadas. É uma realidade necessária diante da complexidade dos sinais e, além disso, é também, através deles que se torna possível manter a padronização necessária durante a conversação ou atuação dos profissionais tradutores intérpretes de língua de sinais. Esses dicionários, sejam impressos ou digitais, descrevem informações fonológicas, gramaticais e semânticas acerca dos sinais e das palavras, que de fato facilitam e permitem melhor compreensão do sinal pesquisado. Nos dicionários impressos é possível perceber variações quanto às formas encontradas, tais como: foto, descrição dos sinais, escrita de sinais, ilustrações e tradução para a língua oral. Já nos dicionários digitais, há possibilidade de busca por ordem alfabética do português ou pela configuração de mão, no qual os sinais são representados por filmagens, contendo assim sua descrição e definição. Este artigo traz um histórico dos dicionários registrados na língua de sinais, relatando a influência da França no primeiro dicionário de Libras no Brasil, incita reflexões sobre a relevância dos dicionários existentes e observa a necessidade da criação de dicionários nas áreas de especialidades, visto a considerável ausência de sinais para diversos termos usados no cotidiano acadêmico.

Palavras chave: Surdo, Libras, Dicionário, Dicionários especializados.

Introdução

Retomar a historicidade dos surdos acarreta em sentimentos vitoriosos, afinal, muitas foram as conquistas dessa comunidade e, dentre elas, se encontram os dicionários bilíngües / trilíngües da língua brasileira de sinais (Libras). Embora não se objetive aqui tratar com profundidade a história dos surdos e nem sua conquista da Libras como primeira língua, uma breve reflexão histórica será necessária, no tocante às três abordagens principais sobre a educação de surdos, sendo elas: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo.

* Graduação em Pedagogia, Especialização em Docência Universitária e Psicopedagogia. Mestranda em Estudos da Tradução (UnB). E-mail: tilsvilma@gmail.com

De acordo com Honora e Frizanco (2009), a primeira tentativa de ensinar os surdos foi através do método oralista, imposto por ouvintes que acreditavam que os surdos seriam capazes de reproduzir na íntegra a fala. O método de ensinar surdos por meio da língua de sinais era visto como um impedimento e um atraso no processo evolutivo da fala. A primeira escola para surdos surgiu em um monastério de Valladolid, regida pelo monge beneditino da Onã, Pedro Ponce de León (1520-1594), na Espanha (VELOSO e MAIA, 2009). Havia dois irmãos surdos, filhos de uma família de aristocratas espanhóis de grande importância na época, que motivaram tal iniciativa. Nessa época, somente surdos oralizados recebiam heranças. Nessa escola eram ensinados os filhos de nobres que nasciam com surdez ou com alguma deficiência auditiva. Eles aprendiam conteúdos de latim, grego, italiano, física e astronomia, através da dactilologia, da escrita e da oralização. A dactilologia, hoje conhecida com soletração, alfabeto manual ou ainda datilologia, é um empréstimo linguístico da língua oral com a realização de cada letra do alfabeto na forma manual. Utiliza-se a datilologia para exemplificar nomes de sujeitos, locais, e outros termos que não contam com um sinal específico; e ainda para auxiliar na intercomunicação entre duas línguas diferentes, pois através da datilologia pode se explicar um sinal a um ouvinte ou uma palavra em português para um surdo.

Os surdos, aos poucos, foram recebendo instrução e, durante muito tempo, a metodologia foi pautada por métodos ouvintistas, com escassez de profissionais adequados, que conseguissem de fato ensiná-los. Em meados de 1880, aconteceu o famoso Congresso de Milão, que reuniu professores de surdos. As línguas de sinais foram banidas e somente por volta de 1940 puderam enfim, “reaparecer” com certa liberdade. Deu-se início a uma nova tentativa de ensinar os Surdos, através da Comunicação Total, que se expandiu a partir de 1980. Os surdos puderam explorar a comunicação sinalizada, e toda forma de comunicação era bem vinda, desde que o entendimento pudesse acontecer entre os sujeitos: “fala, leitura orofacial, treinamento auditivo, expressão facial e corporal, mímica, leitura e escrita de sinais” (HONORA e FRIZANCO, 2009, p. 15). De fato, as conquistas dos surdos foram se concretizando, com o direito de usarem a língua de sinais como primeira língua e, através do Bilinguismo, método utilizado até os dias atuais, a língua de sinais passou a ser respeitada em sua amplitude.

O Bilinguismo tem como princípio fundamental o uso da língua de sinais como a primeira língua (L1) dos surdos, enquanto a língua oral-auditiva, correspondente ao país onde o surdo vive, deve ser adquirida como segunda língua (L2). Associações foram sendo criadas

em prol da educação de surdos. A surdez passou a ser vista sem o olhar patológico e os surdos, por sua vez, começaram a ser percebidos sem a visão assistencialista, mas como um grupo linguístico minoritário possuidor de uma língua e cultura específica.

1. A primeira obra dicionarizada: *Refugium Infirmorum*

Melchor de Yebra, um monge franciscano de Madrid, foi o primeiro a escrever um livro ilustrado com um alfabeto manual, por volta de 1560. Esse livro foi a primeira iniciativa após Girolamo Cardano (1501-1576), médico e filósofo, afirmar que seria um crime não instruir os surdos, pois eles eram capazes de desenvolver a aprendizagem (VELOSO e MAIA, 2009, p.29). Antes disso, Bartollo Della Marca d’Ancora, advogado e escritor do século XIV, havia feito a alusão ao fato de que o surdo poderia ser instruído por meio da língua de sinais ou da língua oral, porém, nesta época os surdos eram ainda, bastante discriminados. A representação do alfabeto manual foi chamado de *Refugium Infirmorum*, sua produção foi para fins religiosos, com intuito de facilitar aos surdos a compreensão das disciplinas espirituais e foi publicado somente sete anos após a morte de Yebra.



Figura 1. *Refugium Infirmorum* ¹

De acordo com Veloso e Maia (2009, p. 30) no ano de 1579, um aluno surdo chamado Saboureaux de Fontenayquem criou o termo “dactilologia”. A partir daí, expandiram-se as manifestações dos alfabetos manuais em diversos países, modificadas de acordo com a estrutura linguística e gráfica de cada país.

O primeiro dicionário registrado na França (1776), foi criado pelo abade Charles Michel de L'Epée e intitulado: *L'institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodiques*.

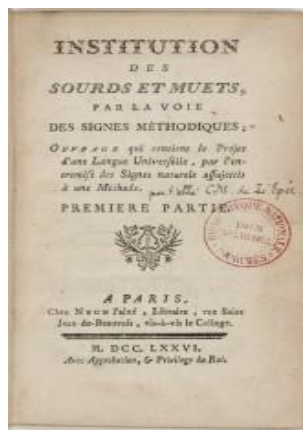


Figura 2. *L'institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodique* ².

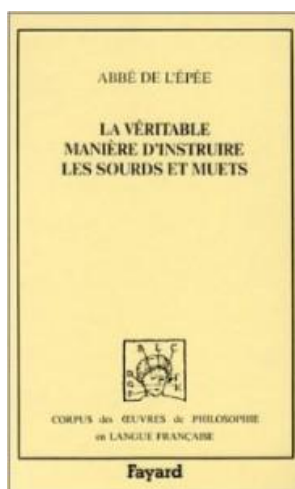


Figura 3. *La véritable manière d'instruire les sourds et muets* ³

No Brasil, em 1875, segundo Felipe (2001), Flausino José da Gama, hábil desenhista surdo, criou o primeiro dicionário de Libras com 399 sinais, sob forte influência do dicionário de L'Epée. Ele era ex-aluno do Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente conhecido como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). O diretor do instituto naquela época, Tobias Rabello Leite, publicou o dicionário como *Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos*, afirmando: “em poucos dias saí o livro

que tenho a satisfação de apresentar a todos os que se interessarem por essa numerosa classe de nossos compatriotas” (LEITE, 1869 apud GAMA, 1875). O livro apresentava ilustrações separadas por algumas categorias, tais como, animais, objetos, vestuário, entre outros. Foi, de fato, uma obra que ganhou notoriedade, tendo ainda grande relevância. Alguns dos sinais criados são utilizados até os dias atuais, como por exemplo, os das formas dêiticas. O termo “dêítico” deriva da palavra grega “dêixis”, termo que se origina do verbo “apontar” ou “mostrar”. As formas dêiticas apontam para a situação em que é produzido o discurso, fornecendo-lhe significados em relação ao tempo e ao espaço, com palavras como “aqui” ou “agora”.

A função dêitica em língua de sinais, como na língua de sinais brasileira e na ASL, é marcada através da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais. As formas verbais para pessoa são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.112).

A saber, é possível encontrar a obra de Flausino José da Gama, em formato PDF, no site da Editora Arara Azul.

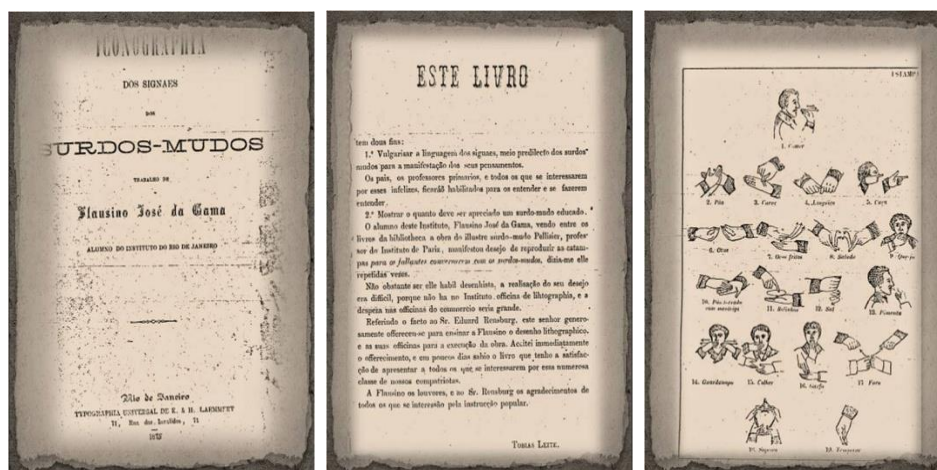


Figura 4. *Iconographia dos Sinais dos Surdos-Mudos*⁴.

Naquela época, ainda eram comuns o uso de termos inadequados para se fazer referência aos surdos, como por exemplo: “surdo-mudo” ou “mudo”. Também era comum o uso desse último termo no diminutivo, designando assim a inferioridade dessa

comunidade. Mudo é aquele que apresenta alguma deficiência no aparelho fonador, e até que se comprove essa patologia, o surdo deve ser chamado de surdo.

Sobre a situação linguística deste, Veloso e Maia (2009) observam que por quase cem anos ocorreu o que ficou conhecido nos estudos sobre os surdos como “império oralista” e lembram que, somente em 1971, no Congresso Mundial de Surdos, em Paris, voltou-se a valorizar a Língua de Sinais.

[...] Nesse congresso foram também discutidos resultados de pesquisas realizadas nos EUA sobre “comunicação total”. No ano de 1975, por ocasião do congresso seguinte, realizado em Washington, já era evidente a conscientização de que um século de oralismo dominante não serviu como solução para a educação de surdos. A constatação de que os surdos eram subeducados com o enfoque oralista puro e que a aquisição da língua oral deixava muito a desejar, além da realidade inquestionável de que a comunicação gestual nunca deixou de existir entre os surdos, fez com que uma nova época se iniciasse no processo educativo dos surdos (VELOSO e MAIA, 2009, p.48).

Em 1961, Eugênio Oates, um padre americano que atuou como missionário nos Estados do Amazonas e Pará, publicou *No Silêncio da Fé*, obra que continha algumas das principais orações do catolicismo, expressas em português e em gestos (SILVA, 2008, p.6). Em 1969, mesma época em que a Universidade de Gallauded adotou a Comunicação Total. A partir de então, os surdos puderam finalmente sinalizar e ocorreu uma ampliação nos léxicos das línguas de sinais.

Apesar da liberdade de uso dos sinais, esses eram usados de acordo com a estrutura da língua falada. Essa fase também é marcada pelo bimodalismo, o inglês sinalizado, e no caso do Brasil, português sinalizado, que se caracteriza pelo uso simultâneo dos sinais e da fala. Isso se tornou um problema, pois a estrutura das línguas de sinais é completamente diferente da estrutura das línguas orais. A obra *Linguagem das Mãos* contém 1258 sinais fotografados. Oates, que tinha experiência nos Estados Unidos com instituições educacionais ligadas à surdez, trouxe contribuições para os surdos brasileiros com o intuito de que pudessem ter acesso às mensagens cristãs, e os sinais contidos na obra têm forte influência dos sinais americanos (VELOSO e MAIA, 2009, p.48).

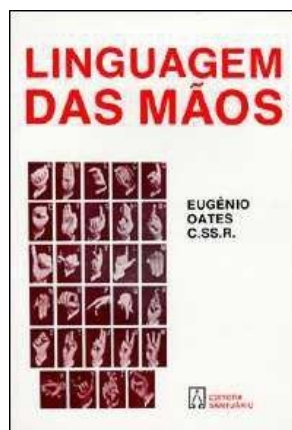


Figura 5. *Linguagem das Mãos* ⁵.

Os surdos foram se tornando visíveis socialmente e a sua história avançou, tornando-se plena de novas conquistas. Em 1977, um grupo de profissionais ouvintes fundou a primeira instituição de reabilitação para deficientes auditivos, a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos). Com fervor, filmes foram criados e até estrelados por atores surdos. Livros sobre a surdez ou com depoimentos dos próprios surdos começaram a ser escritos e vendidos com mais fluidez. Legendas foram inseridas nos programas de televisão, estudos e pesquisas tiveram considerável avanço e qualidade, cursos de ensino da Libras e de capacitação para TILSP (Tradutores e Intérpretes da Língua de Sinais e Português) foram criados e ampliados por todo Brasil. Em 1997, a FENEIDA foi reestruturada, e criada a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) no Rio de Janeiro. Em vários estados, surgiram associações de TILSP e associações de surdos, tornando-se referências e desempenhando um papel fundamental na área da surdez.

Somente em 2001 foi publicado o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira*, do professor Fernando César Capovilla e da psicóloga Walkiria Duarte Raphael, contendo 9.500 verbetes, em versão impressa e na versão digital (CD-Rom). Capovilla e Raphael organizaram a obra em dois grandes volumes, o primeiro contendo sinais de A a L, e o segundo, de M a Z. Muito descritivo, representa de forma detalhada como o sinal é realizado, retratando a configuração das mãos (CM), o ponto de articulação (PA), a localização (LO), o movimento (MO) e as expressões não manuais (ENM). Além da descrição dos sinais, é possível visualizar na obra lexicográfica a tradução em português, em inglês e na escrita da língua de sinais americana: *Sign Writing*, definida por Capovilla e Raphael (2001), como um sistema de

escrita visual em sinais, capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas de sinais por meio de visemas, que correspondem aos fonemas nas línguas orais.

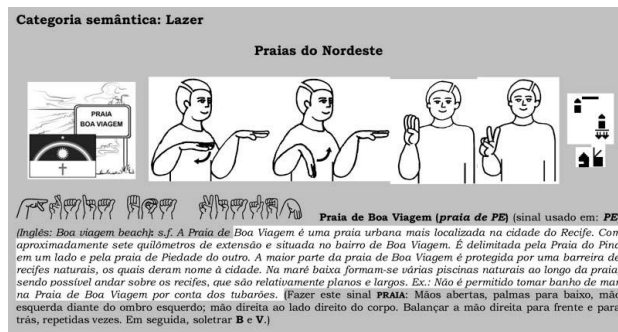


Figura 6. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* e sua versão digital (CD-Rom) ⁶.

A Libras foi legalizada em 24 de abril de 2002, no governo de Fernando Henrique Cardoso, sendo reconhecido, desde então, que a língua de sinais é a primeira língua do surdo (L1) e a língua portuguesa, sua segunda língua (L2). Nesse mesmo ano foi criado pela Secretaria de Educação do Governo de São Paulo o *Dicionário de Libras Ilustrado*, com disponibilidade em CD-Rom, contendo 43.606 verbetes.

O dicionário é um banco de dados com recursos gráficos, legendas em língua portuguesa e palavras ilustradas com imagens, para facilitar a compreensão do leitor. O CD foi distribuído gratuitamente, com o intuito de se tornar uma ferramenta de apoio na alfabetização de surdos e também para alunos ouvintes, divulgando e disseminando a Libras.



Figura 7. *Dicionário de Libras Ilustrado* (CD-Rom)⁷.

Outras iniciativas digitais foram criadas por instituições de ensino e de capacitação em alguns estados do Brasil, disseminadas e utilizadas nessas regiões. Após o sucesso de sua primeira obra, Capovilla e Raphael lançaram em 2005, a *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras*, com 19 volumes na versão impressa e três na versão digital (CD-Rom). A obra tem como objetivo documentar os sinais de diferentes áreas e cada volume destina-se a áreas específicas.



Figura 8. *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*⁸.

Em 2005 também surgiram vários tradutores eletrônicos de Libras, entre softwares, DVDs interativos, dispositivos portáteis multimídias, redes sociais digitais, legendas Close Caption off-line e on-line. Com o uso dessas novas tecnologias, foi criado o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais* por Tanya Amara Felipe de Souza e Guilherme de Azambuja Lira (INES/RJ). Nesse dicionário, é possível se fazer buscas por ordem alfabética, por palavra ou por assunto. Após a busca, é possível ter acesso à classe gramatical da palavra, origem, acepção, exemplos em português e em Libras. Também é possível visualizar o vídeo com a demonstração de como é feito o sinal. O dicionário, com 5.863 sinais, encontra-se disponível em CD-Rom e também pela Internet, com acesso gratuito pelo site do INES.



Figura 9. Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais⁹.

No site da FENEIS, estão disponíveis softwares capazes de facilitar o acesso à língua de sinais, como o *player* Rybená, que é um equipamento capaz de converter um texto escrito em português para a Libras. O torpedo Rybená é outro tipo de serviço, por meio do qual é possível receber e enviar mensagens de texto na Libras. Por se tratar de um mecanismo eletrônico, há muitas defasagens diante da tradução automática.

Em 2009, Catarina Kiguti Kojima e Sueli Ramalho Segala publicaram a coleção *LIBRAS Língua Brasileira de Sinais: a imagem do Pensamento*. A obra foi comercializada em um volume único e também em 5 volumes separados, facilmente distintos por cores. Segala é surda de nascença e tem vários surdos na família, dentre eles, pais e irmãos. É professora, atriz e intérprete de Libras. Kojima é arte-educadora e pedagoga, especializada em Educação de Surdos.



Figura 10. *LIBRAS Língua Brasileira de Sinais: a imagem do Pensamento*¹⁰.

As obras contêm uma gama de verbetes sinalizados e separados por item de configuração das mãos, por exemplo, palavras que tenham configuração das mãos em “S” ou “8”, como: “amor”, “adorar”, “ônibus”, entre outros (fig.11). Os sinais são

dispostos através de ilustrações e da explicitação gramatical da Libras através da língua portuguesa. Na introdução de cada volume, são apresentados conceitos acerca da comunicação dos Surdos, da legalização, da gramática, do alfabeto manual internacional (contém ilustração do alfabeto manual em vários países), e vários outros itens que auxiliam o leitor na compreensão da língua e cultura Surda.

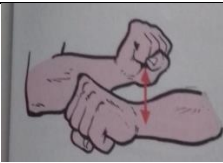
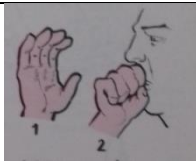
	
<p>ESPERAR Configurar as mãos em “S”, palmas para baixo, bater três vezes pulso sobre pulso, cruzando as mãos.</p>	<p>LARANJA/SÁBADO Configurar a mão em “C” e levar até a boca, abrir e fechar a mão em “S”.</p>

Figura 11. Configuração das mãos em “S” ou “8”

Em 2009, Capovilla e Raphael, lançaram o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – DEIT-LIBRAS* com 9.828 verbetes, dessa vez, juntamente com Aline Cristina L. Maurício, também psicóloga. Essa obra é uma extensão do pioneiro *Dicionário da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*, sendo uma versão ampliada e condizente com o novo acordo ortográfico. A obra apresenta um índice semântico que agrupa os verbetes por temas com descrição da forma e do significado dos sinais. Contém ilustrações gráficas dos verbetes, exemplos sobre o seu uso e a escrita em *SignWriting*. Conta também, com a descrição de verbetes indexados em português (com soletração digital em LIBRAS) e inglês.

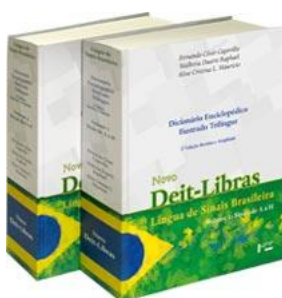


Figura 12. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira: DEIT-LIBRAS*¹¹.

Entre os anos de 2009 e 2011, em São Paulo, Marcia Honora (fonoaudióloga e professora universitária) e Mary Lopes Esteves Frizanco (pedagoga e psicopedagoga),

elaboraram o *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. A obra é separada por 3 volumes, distintos por cores e, de modo impresso, trazem como referência os parâmetros usados na Libras de forma visual e elucidativa. As obras têm o intuito de cerrar barreiras entre ouvintes e surdos, facilitando o aprendizado e auxiliando na comunicação.

A primeira obra da coleção, publicada em 2009, tem capa verde e apresenta uma introdução à história dos surdos, esclarecendo as três principais metodologias utilizadas no ensino de surdos: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. Apresenta também um breve panorama das leis sobre a Libras e uma explicitação acerca de sua gramática. Contém os sinais básicos para uma conversação inicial, abrangendo: alfabeto, numerais e vestuário, documentos, entre outros sinais do cotidiano. Ao final faz sugestões de filmes, sites e livros que abordam a questão da surdez.

Na segunda obra, de 2010, cuja capa é de cor laranja, são destacados os aspectos gramaticais da Libras, as variações linguísticas, a iconicidade e arbitrariedade, léxico, datilologia, parâmetros, entre outros fatores que são essenciais para a compreensão de sua amplitude gramatical. No tocante aos sinais, expressos da mesma forma que na primeira obra, são descritos: sinais sobre personagens de histórias infantis, marcas de carro, times de futebol, profissões, economia entre outros sinais de áreas mais específicas. A terceira obra, de 2011, tem a capa vermelha e apresenta sinais de alimentos variados, lugares, enxoval, calçados, valores humanos, profissões, entre outros. As três obras têm um sumário remissivo que facilita consideravelmente a busca do leitor.

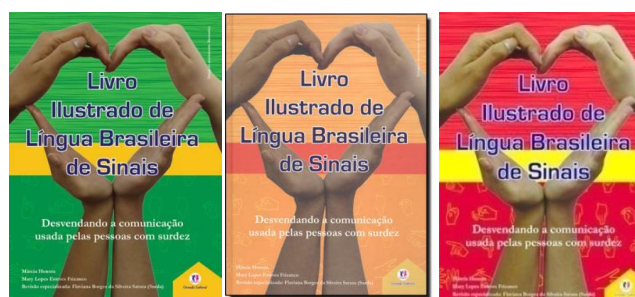


Figura 13. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez.*

2. Os dicionários nas áreas de especialidade: uma necessidade constante

A ausência de sinais em áreas de especialidade é uma realidade na atuação dos TILSP e de professores de surdos. Muitas são ainda, as palavras sem um sinal, em áreas como Biologia, Matemática, Mecânica, Química, Nutrição. O fato é que, geralmente, criam-se sinais “combinados” pelos surdos e pelos profissionais que ali atuam, com intuito de evitar a excessiva repetição da datilologia e reduzir o processo de tradução/interpretação. Marinho (2007) faz uma análise diante das problemáticas enfrentadas pelos surdos diante da escassez de sinais para termos de especialidade em Libras. Essa ausência, claramente dificulta o acesso ao conteúdo e fica ao TILSP a incansável tarefa de explicar o que significa determinada palavra soletrada toda vez que for necessária sua tradução.

É possível encontrar vários sinais para uma mesma palavra e, ao mesmo tempo, muitos a desconhecem. Isso ocorre por conta dos “combinados” citados anteriormente, ou pela pouca divulgação de um sinal que de fato foi criado. Assim como qualquer palavra criada nas línguas orais, sejam estas dicionarizadas ou não, a convenção e a concretização de um sinal criado demanda tempo e uso.

Algumas iniciativas para a resolução da problemática de ausência dos sinais foram criadas, em Brasília, no ano de 2011, quando Telasco Pereira Filho (SENAI) organizou o que chamou: *Ficha Catalográfica. Glossário de termos técnicos em Libras: eletrotécnica*, com 45 páginas ilustradas, divulgada nacionalmente em todas as unidades da empresa. Em versão impressa e digital, pode ser pesquisada gratuitamente pelo site da prefeitura de São Paulo. Na Universidade de Brasília, atualmente, há profissionais da área da Libras que atuam no Centro Lexterm (Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos), que têm como propósito contribuir na lexicografia e terminografia das línguas de sinais.



Figura 14. *Ficha Catalográfica. Glossário de termos técnicos em Libras: eletrotécnica*¹²

Alguns sites também oferecem sinais em áreas de especialidade, como por exemplo, o site do EPEEM: Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo, que atua no setor metal-mecânico do estado do Paraná, que em 2016 divulgou inúmeras palavras de sinais-termos¹³ da área de Biologia. O projeto foi desenvolvido por uma equipe multidisciplinar que incluiu alunos surdos voluntários do ensino médio e objetivava auxiliar os professores e TILSP no processo de ensino-aprendizagem nos conteúdos de Biologia do ensino médio para alunos surdos.

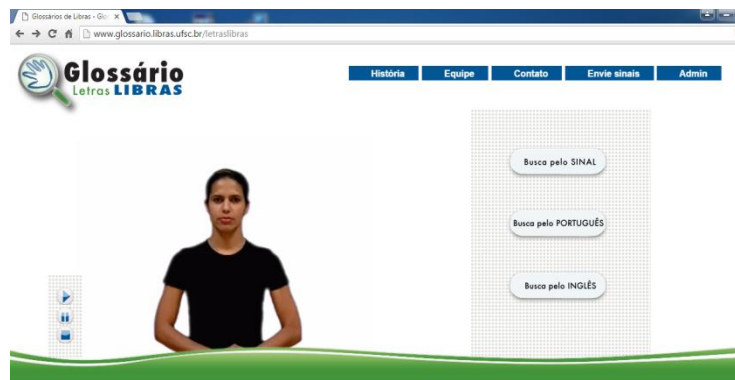


Figura 15. Site do EPEEM ¹⁴.

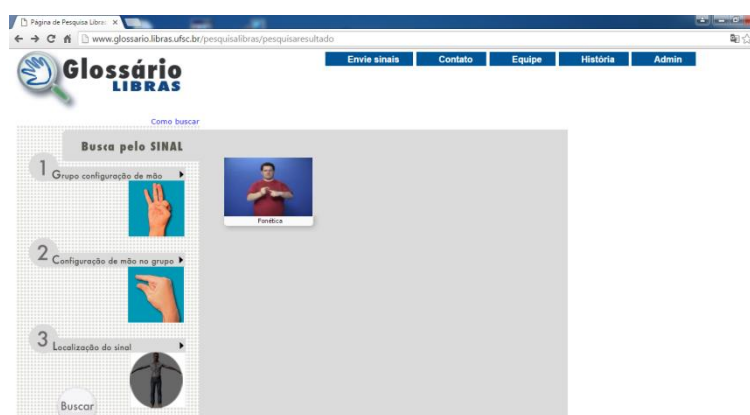
A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) dispõe de um glossário em Libras, contendo alguns sinais para três áreas: Letras/Libras, Arquitetura e Cinema. Os sinais são realizados através de vídeos, de forma bem detalhada, para cada área pretendida e, em seguida, há como buscar o sinal e sua tradução em português ou inglês. Por conseguinte, escolhe-se a configuração de mão, configuração de mão no grupo e a localização do sinal, resultando na demonstração do sinal escolhido.



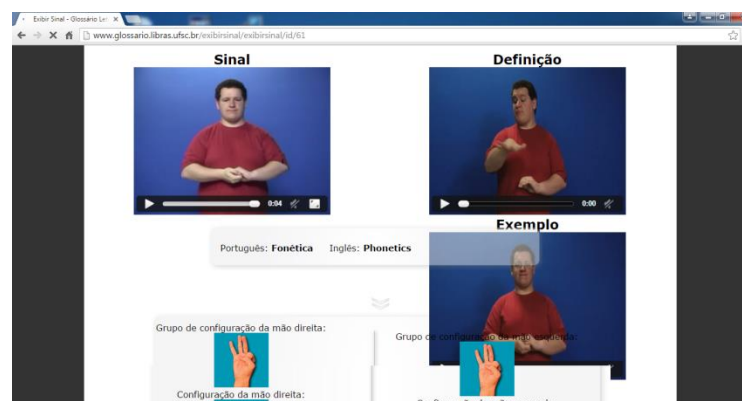
Passo 1.



Passo 2.



Passo 3.



Passo 4.

Figura 16. Site da UFSC¹⁵.

É cabível ressaltar que são várias as iniciativas de criação de sinais e não se pretende aqui esgotar essa busca, até porque muitas iniciativas foram impressas e não divulgadas de forma midiática. O que se ressalta é a necessidade de parcerias entre os falantes de Libras para a concretização dos sinais criados nos diferentes estados, do

contrário, a problemática não cessará, pois os sinais criados serão utilizados por uma minoria em um determinado local, e outros não terão acesso aos novos sinais.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar as principais metodologias utilizadas na Educação de Surdos. Expôs informações sobre a datilologia e seu uso para designar nomes próprios e palavras que ainda não tenham um sinal específico. Procurou-se destacar os principais fatores históricos relacionados ao surdo, relacionando-os às publicações dos dicionários em Libras, e ao se buscar as origens dessas publicações, discorreu-se acerca do primeiro dicionário de Língua de Sinais, o *Refugium Infirmorum*, e do primeiro dicionário criado na França por L'Épée, que serviu de referência para o primeiro dicionário de Língua de Sinais no Brasil: *Iconographia dos Sinais dos Surdos-Mudos*, criado por Flausino José da Gama.

Procurou-se, portanto, fazer uma revisão histórica documentada sobre alguns dos principais dicionários registrados de forma impressa e também digital até os dias atuais. Ao se tratar dos sinais de termos específicos ou de áreas de especialidade, não foi possível uma busca mais abrangente, que abarcasse todos os dicionários ou glossários existentes a nível nacional. Optou-se, então, por referência a um modelo de dicionário impresso de sinais técnicos na área de eletrotécnica, e a amostragem de dois sites com sinais em áreas específicas, sendo eles: o glossário do Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo (EPEEM) e da Universidade de Santa Catarina (UFSC).

Ressaltou-se também a problemática da ausência de sinais-terminos nas áreas de especialidades. Os sinais existentes são muitas vezes utilizados em locais determinados e com poucas formas de divulgação ou acesso. Espera-se que este trabalho possa promover reflexões sobre a necessidade de divulgação, pelos falantes da Libras, dos novos sinais criados para termos técnicos, a fim de que esses possam ser utilizados nacionalmente¹⁶.

Abstract

Nowadays, there are plenty of language sign dictionaries, which are printed or in digital format, made by deaf people, by educational institutions which qualify professionals in sign language or by private initiative. It is a necessary reality due to the complexity of signs and, besides that, these dictionaries enable the maintenance of the necessary standardization during a conversation

or during the work of Sign Language Interpreters and Translators. These dictionaries, in printed or digital versions, describe phonological, grammatical and semantic information about the signs and the words, which eases and allows a better comprehension of the sign. In printed dictionaries it is possible to see variations of forms, such as: pictures, sign description, sign writing, drawings and translation to the oral language. On the other hand, digital dictionaries enable the search by alphabetical order in Portuguese or by hand configuration, in which signs are represented by shootings which contain their description and definition. This article traces the history of registered dictionaries in sign language and reports the influence of France in the first Libras dictionary. Here, we intend to cover from the appearance of the first sign language dictionary in the world to the dictionaries which are more used nowadays in Brazil. The conclusion brings reflections about the relevance of these dictionaries and instigates the need of creating dictionaries in specialty areas, due the lack of signs for many terms used on the daily academic life.

Keywords: Deaf, Libras, Dictionary, Specialized dictionaries.

Resumen

Los diccionarios de lenguas de señas hoy son numerosos, son presentados impresos o en formatos digitales. Son fabricados por sordos, por instituciones educativas que forman profesionales de la lengua de señas, o por iniciativa privada. Es una realidad necesaria debido a la complejidad de las señas y, además de eso, es a través de esos diccionarios que es posible mantener la estandarización necesaria durante la conversación o actuación profesional de traductores intérpretes de la lengua de señas. Esos diccionarios, sean impresos o digitales, describen informaciones fonológicas, gramaticales y semánticas de las señas y de las palabras, que facilitan y permiten la mejor comprensión de la seña investigada. En los diccionarios impresos es posible identificar variaciones relacionadas a las formas encontradas, tales como: foto, descripción de las señas. Escritura de señas, ilustraciones y traducciones para la lengua oral. Pero en los diccionarios digitales existe la posibilidad de busca por orden alfabética del portugués o por la configuración de la mano, en la que las señas son representadas por grabaciones, que contienen su descripción y definición. Este artículo trae un histórico de los diccionarios registrados en la lengua de señas, relatando la influencia de Francia en el primer diccionario de LIBRAS de Brasil, despierta reflexiones sobre la importancia de los diccionarios existentes y observa la necesidad de crear diccionarios por áreas o especialidades, pues inúmeros vocablos usados en el cotidiano académico no existen.

Palabras clave: Sordo, Libras, Diccionario, Diccionarios especializados.

Referências

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais**. Vol. I: Sinais de A a L. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2001.

FELIPE, Tanya A.. **Libras em Contexto: curso básico, livro do professor instrutor**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

GAMA, F. J. **Iconografia dos sinais dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: E. & H. Lambert, 1875.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultura, 2009.

KOJIMA e SEGALA. **LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais - A Imagem do Pensamento**. 2008. Vol.1. Disponível em: <http://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/01/novo-deit-libras-dicionario-enciclopedico-ilustrado-trilingue-da-lingua-de-sinais%C2%A0brasileira>. Acesso: 18 jun. 2016.

MARINHO, M. L.. **O ensino de Biologia**: o intérprete e a geração de sinais. (Dissertação de Mestrado em Linguística do Instituto de Letras) Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2007.

OATES, E. **Language of hands**. Tradução: Linguagem das mãos. Editora: Colted. 1969. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/linguagem-das-maos-123276ed136805.html>. Acesso em: 20 jun. 2017.

QUADROS. R. M.; KARNOPP L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Tânia dos Santos Alvarez. **A aquisição da escrita pela criança surda desde a educação infantil**. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, 2008.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editora Mãos Sinais, 2009.

Notas

- ¹ Disponível em: <http://www.cultura-sorda.org/refugium-infirmorum/> Acesso: 3 jun. 2016.
- ² Disponível em: <http://www.fnsf.org/etre-sourd/> Acesso: 4 jun. 2016.
- ³ Disponível em: <http://www.fnsf.org/etre-sourd/> Acesso: 4 jun. 2016.
- ⁴ Disponível em: http://www.editora-arara-azul.com.br/flausino_gama.pdf Acesso: 4 jun. 2016.
- ⁵ Disponível em: <https://www.skoob.com.br/linguagem-das-maos-123276ed136805.html>. Acesso: 6 jun. 2016.
- ⁶ Disponível em: <http://e-ipol.org/sinalizando-o-nordeste/> Acesso: 6 jun. 2016.
- ⁷ Disponível em: <http://www.ame-sp.org.br/> Acesso: 12 jun. 2016.
- ⁸ Disponível em: <http://www.pr.senai.br/portaldelibras/FreeComponent5283content32539/> Acesso: 14 jun. 2016.
- ⁹ Disponível em: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm Acesso: 4 jun. 2016.
- ¹⁰ Disponível em: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm Acesso: 5 jun. 2016.
- ¹¹ Disponível em: <http://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/01/novo-deit-libras-dicionario> Acesso: 18 jun. 2016.
- ¹² Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/19367.pdf>. Acesso: 12 jun. 2016.
- ¹³ Disponível em: <http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>. Acesso: 4 jun. 2016.

-
- ¹⁴ Disponível em: http://epeem.cp.utfpr.edu.br/site/?page_id=8. Acesso: 18 jun. 2016.
- ¹⁵ Disponível em: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/>. Acesso: 12 jun. 2016.
- ¹⁶ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada na modalidade de pôster e publicada em anais no 5º Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, no ano de 2016, na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.